



Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.
Amor é a lei, amor sob vontade.
A palavra da lei é
Θελημα

Anno Vviii

☉ in 27° ♈, ☾ in 18° ♎

Dies Iovis

16 de Abril de 2025 e.v.

Colegiado dos Eremitas no Monte Abiegnus:

Epistola de Studio Epistolarum ad Fratrem Silentium

Introdução ao Estudo das Epístolas Doutrinárias do *Outer College Brasil* da A∴A∴.

Care Frater,

Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.

Escrevo-te neste momento em que teu coração se abre à luz do Primeiro Grau da A∴A∴, como quem contempla pela primeira vez o próprio nascer do Sol interior — ainda oculto, mas já intuído. A partir de agora, és formalmente um viajante da Via da Estrela, e teu robe carrega o triângulo vermelho do *Segredo do V*. No centro de teu peito, pulsa um selo vivo, cujo entendimento não se dá por definição, mas por dissolução: aquilo que se rasga no silêncio, que sangra com firmeza, e que resplandece no momento da rendição. Esta carta te introduz ao estudo das *Epístolas Doutrinárias do Outer College Brasil da A∴A∴*, textos redigidos pelo Praemonstrator e que doravante constituirão o corpo hermenêutico, iniciático e didático de tua jornada, ao lado do currículo de estudo e prática de teu Grau.

Estes documentos não pertencem a uma única Classe do sistema de instruções da A∴A∴, conforme definido em *Liber CCVII – Um Sumário das Instruções Oficiais da A∴A∴*. São cartas compostas sob inspiração direta dos textos de Classe A — como *Liber AL vel Legis*, *Liber VII* e *Liber LXV* — mas desenvolvidas com aparato explicativo de Classe B, estruturadas com argumentação comparativa de Classe C, acompanhadas de instruções práticas da Classe D e frequentemente revestidas de elementos de Classe E quando se dirigem à devoção. São, por isso, arquétipos de uma nova produção doutrinária que, respeitando a

ortodoxia thelêmica, inicia uma tradição viva, vibrante e orgânica no contexto da A·A· no Brasil. Através destas cartas, delineiam-se os rumos do *Outer College Brasil*, não apenas como um colégio administrativo, mas como uma egrégora de transmissão, meditação e encarnação da Lei de Thelema.

O conteúdo dessas epístolas é inseparável da experiência direta da prática. Sua leitura não deve ser feita com olhos meramente acadêmicos, mas com o coração do magista. São, todas, respostas a situações reais, dúvidas práticas, estados espirituais de irmãos e irmãs da A·A· que trilham contigo a Senda. Através delas, um Neófito aprende que a iniciação não é um evento, mas uma erosão lenta do Ego sob os véus do símbolo. Eis por que cada carta se refere não apenas a um tema, mas a uma parábola viva retirada dos *Livros Sagrados* — principalmente *Liber VII* e *Liber LXV* — e interpretada à luz dos Atus do Tarot, da astrologia thelêmica, da alquimia e das visões dos *aethyrs* de *Liber 418*.

Exorto-te, portanto, segundo vosso pedido, a começar tua leitura por estas cinco obras fundamentais: *Liber AL vel Legis*, *Liber VII*, *Liber LXV*, *Liber 418 – A Visão e a Voz* e *O Livro de Thoth*. Neles se encontram as chaves herméticas que abrem o templo de tuas próprias entranhas. Registrando em seu diário o teu estudo e a ciência dele derivada, que traz a sua assinatura mágica pessoal.

Liber AL vel Legis, transmitido por Aiwass ao Mestre Therion em 1904 e.v., é o texto fundador do Nova Aeon e, conforme definido em *Liber CCVII*, pertence à Classe A, inviolável. Em seu Capítulo I, Nuit nos convida à compreensão da pluralidade do Cosmos e da Verdadeira Vontade como estrela em órbita própria em uma noite estrelada. No Capítulo II, Hadit nos revela o segredo da presença interna, e no Capítulo III, Ra-Hoor-Khuit nos confronta com a fórmula do fogo, da guerra e da superação. Sua gematria é 220, número de *Kaph* final, o punho que sela o pacto da Vontade. Nenhum estudante pode trilhar o caminho da A·A· sem submeter-se — com toda a sua força e silêncio — à Lei deste Livro.

Liber VII, também de Classe A, é o *Evangelho do Neófito*. Cada capítulo revela uma das sete serpentes do processo de purificação e transfiguração da alma. No Capítulo I, encontramos a parábola da Serpente que dança no coração: *E meu coração foi cingido pela Serpente que dança, o vermelho ouro da glória, com mil olhos de diamante e o aroma da mirra e da morte* (*Liber VII*, I:40). Já no versículo seguinte, a dor toma a forma da iniciação: *Chorei lágrimas de sangue por aquilo que era e não era* (*Liber VII*, I:41). Estas lágrimas constituem o núcleo simbólico da Epístola *De Lacrimis Rubris et Ignis Interioris*, onde o Praemonstrator da A·A· interpreta a dor espiritual como fermento da transmutação, associando-a ao Atu XII (*O Enforcado*) e ao planeta Netuno — regente de Peixes — signo correspondente ao Grau de Neófito.

Liber LXV é o diário místico do Adepto, revelado sob a égide de Adonai. Seu Capítulo II apresenta a imagem do Anjo que aparece no coração, como no versículo 36: *E o Anjo apareceu em meu coração e disse: Enche tua lâmpada com óleo e vigia*. Esse símbolo se torna fundamento na epístola *De Natura Viae Interioris ad Neophytum*, que ensina que o trabalho do Neófito não é conhecer, mas iluminar; não é acumular, mas queimar. No Capítulo V, lemos sobre a flor que caiu da Árvore da Eternidade e que, por isso, não era colhida. Assim são também as epístolas: flores do Silêncio lançadas à Terra para aqueles que ainda não se elevaram à Árvore.

Liber 418 – A Visão e a Voz, especialmente nos *aethyrs* 8° (ZID), 15° (OXO) e 27° (ZAA), é a via de exaltação e dissolução da consciência. O *aethyr* 8° nos fala da Mulher Escarlate e da Taça de sangue onde tudo deve ser oferecido. É nele que o Praemonstrator da A∴A∴ baseia o símbolo do triângulo vermelho invertido sobre o robe do Neófito, como se lê na epístola *De Triangulo Rubro et Via Interioris*. É também deste *aethyr* que se retira a máxima: *Este é o Sacramento do V*, onde o V representa o cálice, a lança, a estrela invertida, o sofrimento e a deificação.

O Livro de Thoth, embora de Classe B, é fonte indispensável para a contemplação dos símbolos, pois toda a jornada iniciática é também uma travessia do Tarot. O Atu XII (*O Enforcado*) ilustra o Neófito em sua cruz invertida, apontando o triângulo para baixo. O Atu III (*A Emperatriz*), o Atu XIII (*Morte*) e Atu XVII (*A Estrela*) repetem esse triângulo em seus centros. Através deles, compreendemos que o símbolo do V não é apenas geométrico: ele é alquímico (como vaso), astrológico (como a taça de Vênus em Escorpião), e gemátrico (como o 6 que liga Yesod a Tiphareth). O trabalho de Neófito é, portanto, a travessia do Atu XII, mas também sua reversão através da Estrela.

O Livro 4, dividido em quatro partes, apresenta os fundamentos da prática mágica. A Parte I (*Misticismo*) é essencial para disciplina do Neófito; a Parte II (*Magia*) introduz os instrumentos do Templo, e a Parte III — dedicada à *Magia Cerimonial* — apresenta a filosofia do símbolo, da encarnação e do corpo luminoso. Em suas páginas, encontramos o princípio fundamental: *O método da ciência; o objetivo da religião*. E é com esse lema que se deve abordar também as epístolas — com método e com devoção, com crítica e com fé.

Que teu estudo destas cartas não seja passivo. Organiza-as por símbolo, por parábola, por Atu. Medita nelas como quem contempla um sigilo. Anota em teu diário mágico cada *insight*, cada resistência. Pois nelas pulsa a corrente de uma Ordem viva, que não repete o passado, mas encarna o Futuro. E como está escrito em *Liber AL vel Legis* (I:61): *Mas amar-me é melhor que toda coisa [...] Por um beijo tu então quererás dar tudo; mas quem quer que dê uma partícula de pó perderá tudo naquela hora*.

Estas cartas são esse beijo. Cada uma delas é uma pétala de mirra, uma lâmina de sacrifício, uma gota do vinho de Babalon. Lê-as como quem bebe sangue: não por vício, mas por sacramento. E grava em tua alma que tua iniciação será medida não por títulos ou graus, mas pela verdade da tua dor e pela firmeza da tua estrela.

Para selar esta carta, trago-te, Frater, uma parábola extraída do *Liber VII*, que resume o espírito de toda a instrução anterior, e cuja profundidade ressoa não apenas com a tua condição de Neófito, mas com o próprio destino do Adepto na Senda da Estrela. Lê com reverência o seguinte versículo (I:40): *A videira cresceu de meu flanco; eu espremi o seu fruto em uma taça, e o dei aos santos Anjos de Deus. Eles se embebedaram, e foram perturbados, e quebraram a taça, e esconderam os fragmentos na terra.*

Esta imagem — a videira que cresce do flanco do Iniciado, cujo fruto é exprimido e oferecido aos Anjos — é símbolo da *oferenda da alma* ao Pleroma. A videira, na Qabalah, corresponde à *sephirah* de Netzach (Vitória), regida por Vênus, e ligada à expansão vital, ao néctar, ao êxtase natural. Mas aqui ela brota do flanco — sinal de uma ferida mística, como aquela de Cristo na cruz ou de Adonai quando se abre ao Adepto. Gematricamente, *gefen* (גפן), *videira* em hebraico, soma 133 — número que, somado à palavra *dam* (דם), *sangue* (soma 44), dá 177, o número do *Shemhamphorash*, o Nome Divino de 72 letras, fragmentado e ocultado pelos Anjos embriagados.

Os Anjos que se embebedam são os aspectos superiores da alma que, ao receberem o vinho da iniciação, não suportam sua intensidade e quebram a taça. Esta taça é o V invertido — o triângulo do Neófito. Ela está relacionada ao Atu XIV, *Arte no Livro de Thoth*, onde o Anjo mistura o vinho e o fogo. Mas quando esta taça se parte, a operação se torna *solve*, não *coagula*: a consciência se esparrama como poeira estelar, os fragmentos são escondidos na terra, como sementes da futura regeneração. Em termos astrológicos, temos aqui a descida do fogo solar de Tiphareth (Sol) ao útero terrestre de Malkuth (Virgem), em um processo que só será revertido no Grau de Adeptus Minor, quando o cálice for reconstituído no Santo Graal.

O Vinho é o Sangue dos Adeptos, e o seu efeito é confundir os que ainda não estão prontos. Pois aquele que não for puro, ao beber da taça, será possuído de delírio, e seus sentidos se perderão. O Neófito é aquele que oferta o vinho antes de ser vinho. Ele entrega o cálice vazio, e sua iniciação é a quebra. Mas essa quebra é alquímica — é o *solve et coagula* na prática.

O *Liber 418*, no 8º *aethyr* de ZID, nos apresenta a Mulher Escarlata segurando a taça do sangue de santos e profetas. Essa taça é a taça quebrada de *Liber VII*. O sangue oferecido pelo Neófito é o início da *grande oferenda*, e o vinho que ele extrai de sua própria dor se transforma, no futuro, no vinho de Babalon. Já

Liber 333: O Livro das Mentiras, no Capítulo 3 (*A Ostra*), sugere o mesmo movimento de ocultação: *A pérola é escondida pela concha. O Homem se fecha para esconder sua Verdade*. Assim também, os fragmentos da taça são escondidos na terra — pois o segredo do vinho não é para os olhos profanos.

E por fim, retornamos a *Liber AL vel Legis* (II:9), onde lemos: *Lembraí-vos todos vós de que a existência é pura alegria; que todas as dores são apenas sombras; elas passam & são terminadas; mas há aquilo que permanece*. Este aquilo que permanece é a essência que não se quebra com a taça, mas se esconde em seus fragmentos. Pois o mistério verdadeiro não se desfaz com a dor: aprofunda-se.

Sê, pois, vigilante, Frater. Pois tua missão como Neófito é aceitar que a taça será quebrada — mas que de seus estilhaços brotará, um dia, a Rosa Rubra da Redenção. Medita nessa parábola como quem recolhe um fragmento da taça. Guarda-o com zelo. Pois cada carta que receberás de agora em diante é, também ela, um caco da taça, um traço do V, um eco do Vinho que será.

Amor é a lei, amor sob vontade.

Fraternalmente,
Frater AHA-ON 777 ∴ 8°=3°
Praemonstrator do Outer College Brasil